

QUESTÕES VOLTADAS AO ABORTO: UMA VISÃO MASCULINA

Cleonides Silva Dias Gusmão
Universidade Federal da Paraíba
cleonides_silva@hotmail.com

Ana Alayde Werba Saldanha Pichelli
Universidade Federal da Paraíba
analayde@gmail.com

Francisca Marina de Souza Freire Furtado
Universidade Federal da Paraíba
marinasfreire@hotmail.com

I. INTRODUÇÃO

A investigação sobre o aborto através de uma perspectiva masculina é carente de estudos o que revela uma divisão em termos de gênero em relação aos processos reprodutivos, indicando que estes são assuntos de exclusividade feminina (SILVA; LEMOS, 2012). Como a gravidez ocorre no corpo da mulher, acredita-se que o homem se isenta da responsabilidade de decisão da interrupção, sendo ele apenas um acompanhante (PETRACCI ET AL., 2012). Entretanto, estudos apontam para a necessidade de se incluir o parceiro neste processo decisório (OLIVEIRA ET AL., 2009), e alertam para a importância dos profissionais de saúde em conhecer os sentimentos vivenciados por estes homens, dado que o atendimento destes quase não existe (RODRIGUES; HOGA, 2006).

Pesquisa realizada por Rodrigues e Hoga (2005) mostrou que quando os homens compartilham com sua parceira uma experiência de aborto, diversos são os sentimentos por eles apresentados como perda e frustração, ao saber que não iriam exercer sua função paterna, bem como preocupação em relação ao estado físico e emocional de suas parceiras. Isso mostra que ao se voltar para estas vivências, os profissionais de saúde podem colaborar para uma promoção da qualidade do cuidado do homem de maneira integral.

Diante do apresentado, pode-se notar que o aborto está para além da esfera biológica, sendo uma decisão complexa e compartilhada que leva em consideração diversos fatores. Sendo assim, o objetivo do presente trabalho reside na avaliação dos discursos de homens que compartilharam a experiência de aborto - espontâneo ou provocado - com alguma parceira.

II. METODOLOGIA

Tratou-se de uma pesquisa de natureza exploratória e qualitativa. Participaram oito homens que compartilharam a experiência de aborto espontâneo com suas parceiras, residentes em três cidades do interior da Paraíba (Vista Serrana, Seridó e Caldas Brandão), com idades variando de 18 a 65 anos. O contato com os participantes se deu por meio da técnica “bola de neve”. Para a coleta de dados foram utilizada, inicialmente, a técnica de evocação, enunciação e averiguação, onde se pedia que os participantes falassem as três primeiras palavras que vinham a sua cabeça quando pensavam sobre aborto. Em seguida, com base nas palavras enunciadas, foi feita uma entrevista em profundidade, sendo estas analisadas por meio de análise de frequência e análise categorial temática de acordo com a proposta de Figueiredo (1993).

III. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dentre as palavras evocadas, as que mais apareceram foram aquelas relacionadas à sentimentos como “tristeza”, “decepção” e “dor” e as relacionadas à perda do bebê como “destino” e “erro”. Dentre os sentimentos evocados pelos participantes, alguns se mostraram positivos e negativos tanto em relação à gravidez quanto em relação ao aborto. Em relação à gravidez, alguns participantes relataram alegria e amor pela gravidez, mas ao mesmo tempo alívio pela perda, pois referiram não possuir condições financeiras para provê o sustento do filho.

“Porque a partir do momento que uma criança que é gerada, os pais, pelo menos comigo, né? A gente já sente aquele carinho, aquele amor por aquela vida que tá ali, sendo gerada” (Part. 03)

“Senti um pouco feliz ao mesmo tempo e um pouco triste por não poder dá o que ele merecia... assim, quando ele chegasse na terra, com a gente... e vê que eu não trabalho e vê a nossa criança passando fome, precisando de um negócio e a gente sem poder dar” (Part. 01)

Dentre os sentimentos evocados em relação ao aborto, estão: tristeza (*“Eu fiquei muito triste, tanto eu, como ela” - Part. 03*), abalo (*“É fica, fica muito abalado, né? Se sente muito abalado” - Part. 04*), desgosto, chateação, dor, perda (*“Dor*

primeiro, o sentido de perda, né?” – Part. 06), angústia, sofrimento, surpresa, solidão (“Só que surpresa foi quando a mulher abortou, né? Ai por isso eu tive desgosto de ter perdido aquele filho, né?” – Part. 07). Dados esses que confirmam os resultados da pesquisa de Rodrigues e Hoga (2005), em que os homens expressaram tantos sentimentos positivos quanto negativos quando vivenciam uma situação de aborto. Os discursos de alguns homens também mostraram que eles se sentem em segundo plano quando o assunto é gravidez e aborto, colocando o seu sentimento como sendo inferior comparado ao da mãe como já trazido pela pesquisa de Petracci et al. (2012):

“A tristeza dela maior porque ela... é... além de... de... esperava mais do que eu, que ela quem, tava se gerando dentro dela, eu acho que a dor é maior pra ela, né?” (Part. 08).

“(o pai sente) com certeza, mas só que ela sente mais, né? Tá dentro dela, né? Tá gerado dentro dela. Ela quem alimenta aquela criança ali até a hora do nascimento. Então, com certeza se perde na hora que sai é como se tirasse um pedaço dela também. É um momento muito difícil pra mulher” (Part. 06).

Também foi constatado o descaso dos profissionais de saúde para com os sentimentos do pai:

“... Mas, na maternidade em Patos, eles não deixam os esposos acompanhar o nascimento da criança com sua esposa. E pelo que ela me fala, pelo relato dela e de outras mulheres é... assim, até uma situação de desprezo em relação ao pai ... uma desconsideração ao parto, ao pai, ta entendendo?... As nossas esposas entram e a gente fica sem saber o que tá acontecendo lá dentro, a gente pede informação... só dizem “não, a criança não nasceu” “ta em trabalho de parto”. Mas, não deixam os pais acompanharem, ne?” (Part. 06).

Alguns homens também relacionaram o aborto ao destino (“*porque isso é da vida, né? Acontecer isso*” – Part. 01); (“*porque não tinha de vir, né?*”- Part. 03); (“*Tinha que acontecer*” – Part. 04), ligando esse fato também a questões religiosas (“*... o lá de cima num quis que ele tivesse chegado ao nosso mundo*” – Part. 01; “*Foi*

permitido por Deus, então a gente só tem aquilo que Deus quer, né?” – Part. 03;. Esse fato pode sugerir que para que houvesse uma aceitação mais fácil da perda, o aborto foi justificado a partir de questões religiosas (“a gente tem que aceitar as coisas do jeito que Deus quer”... “É como eu digo, tudo é permissão de Deus, eu não posso contestar nada que Deus faz, porque não é do meu jeito, é do jeito que Deus quer” – Part. 03).

Relacionado a isto, muitos trouxeram à tona o aborto provocado como sendo um erro voltado para questões religiosas e questões jurídicas (“Pra justiça não é certo” “Errado porque, errado porque não pode fazer, é contra a lei, né?”... “Contra lei de Deus” – Part. 04); (“Sobre o negócio de aborto não é pra existir aborto. Assim, seja cometido, né?” “Que isso aí não é de lei, né? Que é pecado mortal, o padre tava avisando essa semana” Part. 05); (“assassinato, eu acho que é isso mesmo, para mim um aborto é como se fosse um assassinato” - Part. 07).

IV. CONCLUSÃO

Com base no objetivo da pesquisa, de avaliação dos discursos dos homens que compartilharam com suas parceiras uma experiência de aborto, pode-se perceber que este foi alcançado com sucesso, constatando-se que os resultados também foram compartilhados por outros pesquisadores. Destaca-se, na maioria dos casos que os sentimentos voltados para a gravidez eram ambíguos, ora expressando felicidade, ora preocupação; mas os voltados para o aborto foram, na maior parte dos casos, de cunho negativo. Também pôde-se perceber que os profissionais de saúde não estão preparados para acolher o homem que viveu uma experiência de aborto. Além disso, tomando-se as relações sociais de gênero, a percepção dos próprios homens de reconhecer que merecem atenção, mas ainda sim, colocando a mulher como sujeito central na experiência do aborto. Diante isto, afirma-se a necessidade de mais pesquisas sobre a temática no sentido de contribuir com uma maior capacitação e sensibilização dos profissionais de saúde para o cuidado dos homens.

V. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FIGUEIREDO, M. A. C. Escalas Afetivo-Cognitivas de Atitude. Construção, Validação e Interpretação de Resultados. In Romanelli, G. & Biasoli-Alves, Z.

M. M. *Diálogos Metodológicos sobre prática de pesquisa*. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1998. p. 51-70.

OLIVEIRA, S. C. de. et. al. A participação do homem/pai no acompanhamento da assistência pré-natal. *Cogitare Enfermagem*, 14(1), 2009. Retrieved from <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/cogitare/article/viewArticle/14118>.

PETRACCI, M. et. al. El aborto en las trayectorias de mujeres y varones de la ciudad de Buenos Aires. *Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)*, (12), 164–197, 2012. doi:10.1590/S1984-64872012000600008.

RODRIGUES, M. M. L.; HOGA, L. A. K. Homens e abortamento espontâneo: narrativas das experiências compartilhadas. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 39(3), 258–267, 2005. doi:10.1590/S0080-62342005000300003.

RODRIGUES, M. M. L.; HOGA, L. A. K. Aborto espontâneo e provocado: sentimentos vivenciados pelos homens. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 59(1), 14–19, 2006. doi:10.1590/S0034-71672006000100003.

SILVA, N. M. P.; LEMOS, A. O jovem universitário frente ao aborto: Uma contribuição para enfermagem. *Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental*, 5 (1), 3309-10, 2012. doi: 10.9789/2175-5361.2013v5n1p3302.